

Identidades Interseccionais na Mídia: Como Mulheres Negras e Sáficas São Representadas em Séries da *Netflix*¹

Krysley Coelho da Silva ²
Elisangela Lasta³

Resumo

O presente artigo tem como temática a construção da identidade de mulheres negras e sáficas e busca entender como as mulheres negras e sáficas da vida real percebem as representações construídas pelas personagens: Kat Edison, de *The Bold Type*, e Fabiola Torres, de *Eu Nunca*, ambas séries da Netflix. Neste estudo são discutidos os tópicos de construção de identidade, interseccionalidade e representação midiática. A partir dos resultados da pesquisa, revelou-se que as mulheres negras e sáficas se identificam intensamente com a personagem Kat Edison, já no que se refere à personagem Fabiola Torres, há pouca identificação. Observou-se que as identidades das mulheres negras e sáficas foram desenvolvidas nessas séries pela Netflix por meio de representações diversas presentes nas duas personagens, o que nos indica que as representações acerca dessas identidades visaram à pluralidade.

Palavras-chave

Mulheres negras e sáficas; identidade; produtos midiáticos; representação; Netflix.

Introdução

Esse artigo tem sua temática delimitada pela percepção das mulheres negras e sáficas da vida real acerca da representação de suas identidades em produtos midiáticos a partir das personagens da Netflix: Kat Edison (*The Bold Type*) e Fabiola Torres (*Eu Nunca*). Entendemos que historicamente os produtos midiáticos tiveram e ainda têm impacto em como os indivíduos se percebem nas representações identitárias e que é por meio dessas representações que podemos construir nossas próprias identidades (HALL, 2016). Assim, personagens de séries, novelas e filmes tomam importância significativa nas construções de sentidos dos sujeitos. Mas antes de avançar neste tópico é preciso, primeiramente, discutir sobre o conceito de identidade.

¹ Trabalho apresentado no Espaço Graduação atividade integrante do XVIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Graduada em Relações Públicas, Universidade Federal do Rio Grande Sul, krysleycoelho@gmail.com.

³ Prof. Dra. Elisangela Lasta, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elisangela.lasta@gmail.com.

De acordo com Silva (2012), podemos entender que a identidade se trata de uma série de afirmações que usamos para definir quem somos. Desse modo, a identidade é construída a partir de uma positividade ao afirmar “aquilo que eu sou”, sendo uma característica independente ou um fato autônomo que não depende de mais nada. Ou seja, “[...] a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente” (SILVA, 2012, p. 74). A diferença também é concebida como algo independente, que remete a si próprio, que simplesmente existe. Contudo, ela se trata daquilo que o outro é, por exemplo, afirmações do tipo “ela é velha”, “ela é branca”, “ela é mulher”, etc. (SILVA, 2012).

Embora possam existir de forma autônoma, a identidade e a diferença também estão em uma relação de estreita dependência. Todavia, a forma positiva de expressar a identidade faz essa relação passar despercebida. No momento que um sujeito faz uma afirmação sobre algo que é, por exemplo, “sou brasileiro”, esse sujeito está automaticamente negando outras nacionalidades. Nessa fala, está implícito que “não sou asiático”, “não sou estadunidense”, “não sou argentino”, etc. (SILVA, 2012). Entendemos que existem outros seres humanos que têm nacionalidades e características plurais e diferentes das nossas, por isso, há a necessidade de afirmar aquilo que somos. Se todos fôssemos iguais e não houvesse mais de uma nacionalidade, não precisaríamos afirmar que somos brasileiros.

A identidade e a diferença estão contidas nos âmbitos cultural e social, portanto precisam ser ativamente produzidas. Todos nós produzimos essas identidades e essas diferenças no contexto de nossas relações culturais e sociais. Esses dois fenômenos são resultado de atos de criação linguística, ou seja, são construídos por meio de atos de linguagem (SILVA, 2012). Dessa forma, “a afirmação de identidades e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir” (SILVA, 2012, p. 82). A partir desses dois fenômenos, temos declarações sobre quais grupos pertencem e não pertencem à nossa sociedade e sobre quem é incluído e quem é excluído.

Ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um "fato" do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. (SILVA, 2012, p. 93)

Identidades Interseccionais

Para aprofundar este estudo que tem como tema central, as mulheres negras e sáficas, precisamos falar também sobre o termo interseccionalidade. A interseccionalidade é um estudo que investiga como “[...] as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana” (COLLINS, 2021, p. 16). Assim, a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que compreende como as categorias de classe, gênero, sexualidade, entre outras, estão interrelacionadas e se moldam mutuamente. É uma forma de compreensão e explicação da complexidade do mundo e dos indivíduos. Com a interseccionalidade, deixamos de perceber os indivíduos de uma forma simples e passamos a vê-los como pessoas complexas e cheias de camadas, bem como a observar suas relações (COLLINS, 2021).

A partir da perspectiva da interseccionalidade, entende-se que, em determinada sociedade e em dado período, as relações de poder não se manifestam de forma distinta e excludente. Compreendemos que as relações que envolvem raça, classe, gênero e outras categorias acabam se sobrepondo. Embora possam parecer invisíveis, essas relações interseccionais de poder impactam todos os níveis do convívio social (COLLINS, 2021).

Kimberlé Crenshaw (2002) define o termo interseccionalidade a partir de uma perspectiva dos direitos humanos, relacionando o conceito a essa área do conhecimento. Em suas obras, ela dá ênfase à luta de mulheres negras por direitos e denuncia as injustiças que essas mulheres enfrentam dentro do sistema jurídico. Por esses motivos, a autora pensa a interseccionalidade a partir da sobreposição de eixos de opressão.

Ensaio das décadas de 1960 e 1970 apontam que as mulheres negras não se libertariam verdadeiramente caso não abordassem as opressões de raça, classe e gênero de forma inter-relacionada (COLLINS, 2021). Portanto, o conceito de interseccionalidade reconhece que a desigualdade social dificilmente é causada por um único fator, logo ela analisa as camadas de sua complexidade (COLLINS, 2021). Enquanto ferramenta analítica, a desigualdade social é entendida a partir das relações entre as categorias de poder.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

O conceito de interseccionalidade foi essencial para desenvolver esta pesquisa, uma vez que não se pode estudar a representação de mulheres negras e sáficas sem considerar como a vida dessas mulheres é atravessada por gênero, raça e sexualidade concomitantemente. Mulheres negras e sáficas são identidades múltiplas, e falar sobre elas é falar sobre interseccionalidade, dado que essas pessoas nunca serão somente mulheres ou somente negras (SILVA, 2017).

Mulheres Negras e Sáficas

Grande parte dos registros que documentavam a vida e a realidade de mulheres lésbicas foi destruída, como forma de manter a heterossexualidade compulsória na mente das mulheres, apagando a possibilidade da homossexualidade (RICH, 2007). Logo, mulheres negras e mulheres sáficas são dois grupos marginalizados e invisibilizados em nossa sociedade. Estes grupos sofreram até encontrar seu lugar nas lutas dos movimentos sociais, visto que suas necessidades partem de mais de um lugar de discriminação. Para as mulheres que são negras e sáficas, é ainda mais difícil navegar pela sociedade, já que os desafios se apresentam de inúmeras maneiras, atravessando tanto o racismo, quanto a homofobia e o sexismo.

Além do mais, devemos considerar que uma sociedade que tende a se ver como branca ou mestiça e heterossexual, a visão de lésbicas negras representaria uma diferença absoluta, uma monstruosidade. Os monstros, segundo Cohen (2000), são a corporificação da diferença física e moral, produtos da alteridade subordinante e do atravessamento de fronteiras culturalmente definidas. Os monstros têm como uma de suas funções indicar as diferenças de determinados corpos pessoais dos corpos que mais representariam a coletividade, os corpos nacionais. Eles podem produzir a normalidade por meio do apontamento dos anormais, o que os torna importantíssimos na construção da imagem que uma sociedade quer ter de si mesma. (OLIVEIRA, 2006, p. 75)

Ao longo da história, as mulheres tiveram que lutar muito para garantir direitos e melhores condições de vida na sociedade, assim como a população negra. No século XX, as lutas por direitos civis de vários grupos marginalizados ganharam força, e, como resultado, foram implementadas mudanças na sociedade. O movimento feminista reivindicava a liberdade das mulheres, como o direito de trabalhar e de viver sua sexualidade. O movimento negro lutou por liberdade, pelo direito de existir enquanto pessoa negra em uma sociedade racista e pelo fim do racismo. Por fim, havia ainda o movimento LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual), que lutava contra o preconceito e por direitos iguais a todas as sexualidades e todos os gêneros (COLLINS, 2021).

Todos esses movimentos levantaram pautas importantes e tinham como objetivo melhores condições para suas comunidades. Contudo, não havia um olhar interseccional sobre essas lutas. Nesse sentido, mulheres negras e sáficas que sofriam discriminação de gênero, raça e sexualidade se viram em uma posição de escolha, tendo que definir em qual identidade elas se encaixavam melhor e por qual movimento deveriam lutar (COLLINS, 2021). Até a luta interseccional ganhar força, mulheres negras e sáficas ficaram em segundo plano na batalha por direitos civis, pois conseguiam priorizar apenas uma comunidade, que acabava por não atender todas suas necessidades (COLLINS, 2021). Entendendo a importância da interseccionalidade, podemos afirmar identidade da mulher negra e sáfica é plural e não pode ser dividida em partes, pois todas as identidades se conversam e criam uma realidade única para esse grupo social (COLLINS, 2021).

O Valor da Representação Midiática

Podemos compreender que a representação “[...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31). Ou seja, a representação pode ser entendida como a tradução de conceitos que estão na nossa mente e que passam a existir por meio da linguagem.

Assim, observamos que os sujeitos vão atribuindo sentido às coisas de acordo com as interações que têm com elas e podem partir da forma como as coisas são representadas. Por exemplo, os adjetivos que usamos para descrever uma pessoa, assim como as histórias que são contadas sobre ela, afetam o sentido e o valor que atribuímos a esta (HALL, 2016).

A representação midiática impacta como as pessoas atribuem significados a outros grupos e a si mesmas (BONOTO, 2021). A representação e a identidade funcionam como um ciclo repetitivo que constrói sentidos e está sempre se atualizando: uma identidade aparece representada na mídia; em seguida, uma pessoa absorve o conteúdo e o reproduz em seu dia a dia; após, as identidades representadas passam a se comportar de acordo com o que está sendo exibido nas representações, confirmando, assim, o que é representado, e o ciclo se inicia novamente, de forma contínua e em grande escala (HALL, 2016). Contudo, as representações nem sempre são fiéis à realidade e podem reforçar estereótipos que perpetuam ideias nocivas a respeito de grupos identitários (HALL, 2016). Seguindo esse ciclo, os estereótipos podem ser confirmados pela realidade com o passar do tempo e com o impacto da mídia (HALL,

2016), e aqueles apresentados nos produtos midiáticos acabam sendo, em alguns casos, munição para discriminação na sociedade, pois se tratam de representações negativas das identidades que não contemplam a realidade.

O autor Morigi (2004) aponta que as representações midiáticas funcionam como um espelho da sociedade, e o que vemos retratado na mídia é o que sabemos ser possível de existir. Tudo que não consta nessas representações é excluído da lista de possibilidades. Dessa maneira, a representação é um fenômeno que não apenas reflete o que existe, mas que cria a realidade, uma vez que tem o poder de nomear, classificar e definir o que é bem-visto na sociedade. Nesse mesmo sentido, fica evidente o perigo da invisibilização midiática das mulheres negras e sáficas. Há uma preferência em representar identidades que confirmam as normas e os padrões da sociedade, e as mulheres negras e sáficas, por vezes, acabam ficando fora desse recorte.

Além da função de representação, os sentidos também têm o papel de regular e organizar as condutas da sociedade, já que são criados dentro de uma cultura e servem para auxiliar na manutenção de regras, normas e convenções sociais. Segundo Hall (2016, p. 22), “eles também são, portanto, aquilo que os interessados em administrar e regular a conduta dos outros procuram estruturar e formalizar”. Isto é, podemos entender que os sentidos criados e a forma como são representados são elaborados por grupos que detêm maior poder em nossa sociedade.

Ao considerarmos as relações de poder de nossa sociedade, podemos pressupor que há um interesse das classes dominantes em se manter no poder e regular as informações que são disseminadas. Esses grupos em posição de poder almejam criar representações com o objetivo de controlar o comportamento dos sujeitos (MOSCOVICI, 2007). Sob esse viés, Hall (1997) entende que “[...] as lutas pelo poder estão cada vez mais no âmbito simbólico e discursivo, pois quem quer ter influência sobre essas práticas precisa conseguir modelar a cultura a seu favor” (SILVEIRA, 2018, p. 28). Ou seja, ter espaço para poder representar seus interesses é uma forma de poder simbólico, pois auxilia a legitimar a dominação de um grupo social sobre outro.

Ver um personagem com as mesmas características que você na televisão reflete na forma como você se percebe, e a invisibilização tem o mesmo poder (SANTOS, 2018). Conhecer pessoas de identidades diferentes da sua afeta o quanto você compreende o outro grupo. Logo,

os processos comunicacionais estão relacionados à circulação de valores culturais, afetando intensamente a vida cotidiana das pessoas (SANTOS, 2018).

No que diz respeito à representação midiática, por muito tempo existiu apenas a invisibilidade de mulheres negras e sáficas nesse espaço, de tal modo que, quando era apresentada uma personagem negra em um produto midiático, ela era heterossexual. Da mesma forma, quando era apresentada uma personagem lésbica em um produto midiático, ela era branca. O processo de inclusão de identidades diversas na mídia ainda está sendo desenvolvido, mas, hoje em dia, ao ligar a televisão ou acessar um serviço de *streaming*, é possível encontrar diferentes representações de identidades plurais, como mulheres negras e sáficas, o que demonstra um avanço em relação a como as representações identitárias estão sendo apresentadas na mídia.

Como a identidade é construída a partir do que sabemos que podemos ser, ao assistir à representação de uma identidade em um produto midiático, por exemplo, uma novela, o indivíduo passa a entender que aquela identidade é uma possibilidade para sua realidade, dado que nos identificamos com os personagens e os projetamos em nossas realidades ao nos conectar emocionalmente com suas representações. Assim, o espectador cria identificação ao assumir o ponto de vista do personagem por apresentar uma ou mais características em comum com ele (ORMEZZANO, 2007). Nesse sentido, a invisibilidade de mulheres negras e sáficas no audiovisual se torna uma problemática, pois cria uma barreira no imaginário dessas mulheres que dificulta a afirmação de sua existência no mundo, já que elas não aparecem nos produtos midiáticos ou, quando aparecem, são representadas de forma estereotipada e negativa.

Rádio, televisão, filme, música popular, Internet, redes sociais e outros formatos e produtos da cultura midiática proporcionam materiais dos quais nós forjamos nossas próprias identidades, incluindo nosso senso de individualidade; nossa noção de o que significa ser homem ou mulher; nossa concepção de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, sexualidade; e de divisão do mundo em categorias de “nós” e “eles”. (KELLNER, 2015, p. 7)

Procedimentos Metodológicos

A partir da contextualização anterior, entendemos a relação entre representação midiática e construção de identidades interseccionais. A seguir, é explicado sobre o processo de pesquisa qualitativa que foi realizado com o objetivo de responder o problema de pesquisa: como as representações contidas nas personagens Kat Edison (*The Bold Type*) e Fabiola Torres (*Eu Nunca*), ambas da Netflix, são percebidas pelas mulheres negras e sáficas da vida real?

O campo de estudo é composto pelo enredo das personagens da Netflix, Kat Edison e Fabiola Torres. Já o corpus de estudo foi constituído pela materialidade de cinco entrevistas, realizadas em março de 2023 com mulheres negras e sáficas. Os critérios para selecionar as participantes da etapa de entrevista da pesquisa foram: mulheres, negras, sáficas, entre 20 e 26 anos, moradoras de Porto Alegre. As entrevistas foram encerradas quando se percebeu que não havia informações novas, isto é, em função do ponto de saturação (THIRY CHERQUES, 2009).

A metodologia de pesquisa empreendida no estudo está alicerçada na triangulação de técnicas proposta por Johnson (2010), que implica a combinação de vários métodos de pesquisa a fim de revelar múltiplas facetas de um fenômeno. Logo, utilizamos a técnica de observação encoberta e não participativa (JOHNSON, 2010) para analisar o enredo das duas personagens da Netflix, já que essa técnica permite a observação dos objetos de pesquisa sem que eles tenham ciência de que estão sendo observados. A técnica de entrevista (DUARTE, 2017) possibilitou a troca entre a pesquisadora e as mulheres negras e sáficas que compõem o corpus por meio de uma conversa com roteiro estruturado e a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016) viabilizou a análise das respostas das entrevistas, sistematizando os dados brutos para posterior análise e reflexão.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas

Entrevistada	Nome	Idade	Sexualidade	Gênero	Cidade	Cor
Entrevistada 1	Ane	24	bissexual	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 2	Mari	25	lésbica	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 3	Maira	26	bissexual	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 4	Sofia	22	bissexual	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 5	Julia	22	lésbica	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta

Fonte: Elaboração própria.

Antes de trazer os resultados da pesquisa, é preciso contextualizar sobre a história das duas personagens da Netflix, Kat Edison e Fabiola Torres, que tratamos neste estudo. *The Bold Type* é uma série americana de comédia dramática criada por Sarah Watson que estreou em 11 de julho de 2017. A série tem cinco temporadas, e o último episódio foi ao ar em maio de 2021. *The Bold Type* acompanha a vida de três jovens adultas que moram em Nova York e

trabalham na revista de moda *Scarlet Magazine*. A premissa da série é que elas são melhores amigas e estão batalhando para realizar seus sonhos na cidade grande. Kat Edison é uma das três protagonistas da série e a personagem é apresentada como uma mulher confiante, divertida, destemida e bem-sucedida profissionalmente. Kat é uma mulher negra de 24 anos formada em relações públicas e trabalha como diretora de redes sociais na *Scarlet Magazine*. Na série, menciona-se várias vezes a posição de liderança e influência que Kat tem dentro da revista. Logo no início da série, Kat conhece a fotógrafa Adena e passa a questionar sua sexualidade após sentir atração por ela. Ao longo da primeira temporada, vemos Kat se apaixonar por Adena e descobrir sua sexualidade enquanto vive seu primeiro relacionamento sério com uma mulher.

Eu Nunca é uma série estadunidense da Netflix criada por Mindy Kaling e Lang Fisher que estreou em 21 de maio de 2020. A série é uma comédia dramática e sua quarta e última temporada foi lançada em 2023. Fabiola Torres é a melhor amiga de Devi Vishwakumar, a protagonista da série. Fabiola Torres é uma mulher negra de 15 anos apaixonada por robótica e ciências. Melhor amiga de Devi e Eleanor, é uma personagem tímida e inteligente. Fabiola faz parte do elenco principal da série, um dos traços mais destacados de sua personalidade é a dificuldade que ela tem de expressar seus sentimentos. Logo no início da primeira temporada, Devi propõe que Fabiola arranje um namorado para que elas possam se destacar na escola. Fabiola demonstra desconforto com esse plano, porém segue adiante e começa a namorar um menino. Poucos episódios depois, Fabiola termina esse namoro e passa a tentar entender a atração que sente por sua colega de turma, Eve. Ao longo da primeira temporada, acompanhamos Fabiola descobrindo sua sexualidade e se afirmando lésbica. Ainda na primeira temporada, a série mostra a dificuldade que Fabiola tem de contar para sua família sobre sua sexualidade, mas eventualmente ela consegue compartilhar o que sente e recebe muito apoio, principalmente de sua mãe.

Resultados da Pesquisa

Considerando os resultados das entrevistas, entendemos que essa amostra de mulheres negras e sáficas com quem conversamos, enfrentam dificuldade em se identificar com personagens em séries de *streaming*, no geral, por não se sentirem devidamente representadas. As entrevistadas falaram sobre sentir que personagens negras estão constantemente em segundo plano nas séries e, por esse motivo, elas acham difícil se identificar. Mesmo quando as

imagens de mulheres negras e sáficas estão incluídas em séries e filmes persiste o sentimento de invisibilidade, pois as personagens não estão em destaque. Outro ponto que alimenta o sentimento de não identificação das entrevistadas, para além da posição de coadjuvante das personagens negras e sáficas, é o fato de que as personagens negras costumam ser ofuscadas por uma personagem branca e também, tem tendência a ter um final trágico. Uma das entrevistadas comenta:

Na maioria das vezes mulheres negras e mulheres sáficas são representadas sempre como a mulher com aparência mais masculinizada, ou são super hiper sexualizadas... Ah... Ou elas são trocadas por uma outra pessoa. Ou elas são amigas de... Da personagem principal, no caso sempre são colocadas de escanteio, não são muito bem contadas as histórias delas. (ENTREVISTADA 5)

A Entrevistada 2 conta que é frustrante não conseguir encontrar representações de qualidade de mulheres negras e sáficas. Ela percebe personagens negras heterossexuais muito bem construídas em séries e personagens sáficas e brancas também. Mas ao se tratar de mulheres negras e sáficas a qualidade da história diminui.

Sobre a atual representação de mulheres negras e sáficas, uma Entrevistada aponta que percebe as personagens em dois extremos: ou são muito confiantes, empoderadas e não se deixam abalar por nada, ou são colocadas em posição de vítima e sofrem demasiadamente. Parece que não há espaço para explorar diferentes camadas das personagens. Nesse mesmo sentido, outra Entrevistada fala sobre a importância de fugir de estereótipos ao retratar personagens negras e sáficas. No geral, as entrevistadas entendem que a representação de mulheres negras e sáficas na mídia atualmente ocorre com mais frequência e de forma mais positiva que no passado.

Eu acho que eu vejo avanços, mas acho que falta melhorar muito ainda, sabe? Eu acho que falta fugir de estereótipos e se aprofundar mesmo na pessoa, numa personalidade, né? É uma história sobre uma menina negra e sáfica? sim, mas não precisa ser esse o único ponto da trama... essa menina, essa mulher negra e sáfica pode ter outros interesses além de interesses que falem sobre raça e sexualidade, entendeu? Ela pode ser vilã, ela pode ser imperfeita. Então acho que falta muito isso ainda. (ENTREVISTADA 3)

Quando questionadas sobre a personagem Fabíola Torres, quatro das cinco entrevistadas não se recordam sobre a história da personagem. Contudo, ainda assim, é válido valorizar sua presença na série *Eu Nunca*, uma vez que mesmo que esteja em segundo plano ela ainda representa as mulheres negras e sáficas de forma positiva. Justamente por não ser lembrada, as mulheres negras e sáficas entrevistadas não se identificaram com a personagem Fabíola. Entendemos que a história da personagem Fabíola é percebida de forma confusa e não tem

destaque na série, pois segue o estereótipo clássico de colocá-la como a melhor amiga negra da personagem principal. Consequentemente, não há lembranças sobre ela, uma vez que a construção de sua representação não gera identificação.

A partir das entrevistas, fica evidente que as entrevistadas percebem a personagem Kat Edison como uma figura importante para a representação de mulheres negras e sáficas. As entrevistadas a percebem como uma mulher independente, confiante, empoderada, inteligente e divertida, o que reflete de forma positiva na representação de identidades negras e sáficas. Além disso, a personagem da Kat é aclamada pelas entrevistadas por subverter os papéis sociais e ser uma mulher negra e sáfica em posição de protagonismo e poder.

Os resultados da pesquisa apontam que mulheres negras e sáficas se identificam com a personagem Kat Edison de *The Bold Type* em vários sentidos: com o jeito que Kat exerce sua sexualidade, que é de maneira livre e confiante, se permitindo experimentar e descobrir do que gosta sexualmente; com o jeito que ela se expressa, que é por meio da honestidade e da impulsividade; com o jeito que ela se relaciona, que é sempre se comunicando com seus parceiros e demonstrando seus sentimentos de forma espontânea e impulsiva; e com as situações pelas quais ela passa ao longo da série, que são o questionamento sobre sua raça, o questionamento sobre sua sexualidade e os desafios profissionais de trabalhar com redes sociais. Já em relação à personagem Fabiola Torres de *Eu Nunca*, apenas uma entrevistada afirmou se identificar com ela, citando suas características de personalidade (timidez, interesse por robótica, insegurança e dificuldade em se comunicar) e sua trajetória de descobrimento sexual (que aconteceu ao se apaixonar por uma menina aos 15 anos).

Kat e Fabiola são duas personagens com personalidades diferentes e ocupam papéis diferentes em suas séries, já que Kat é protagonista e Fabiola é a melhor amiga da protagonista. A identidade da mulher negra e sáfica é apresentada de forma diferente por meio das duas personagens, o que nos indica o compromisso da Netflix em apresentar uma representação diversa dessas identidades. A partir das personagens Kat e Fabiola, entendemos que a Netflix está ativamente tentando incluir as identidades de mulheres negras e sáficas em suas séries, de modo que elas aparecem em papéis de protagonismo e em segundo plano.

Considerações Finais

O lugar de desvantagem que as mulheres negras e sáficas ocupam é justificado pelas identidades plurais que atravessam apenas um sujeito. O gênero feminino, pessoas negras e

mulheres sáficas são grupos que enfrentam dificuldades em nossa sociedade, pois são, naturalmente, o oposto do que é valorizado: gênero masculino, pessoas brancas e homens ou mulheres heterossexuais. Ou seja, a discriminação contra esse grupo vem de diferentes direções e cria desafios específicos na vida dessas mulheres. Ao refletir sobre gênero, raça e sexualidade, fica evidente que as pautas de mulheres negras e sáficas têm ganhado espaço na luta dos movimentos sociais, embora o progresso caminhe a passos lentos, e que há um grande caminho a percorrer até atingirmos uma visibilidade positiva nos produtos midiáticos.

Entendemos que o gênero, a raça e a sexualidade são eixos que afetam a vida de mulheres negras e sáficas em todos os níveis, já que não é possível selecionar apenas uma dessas identidades. Elas sempre estão interrelacionadas e afetam a experiência de vida dessas mulheres. Concluimos que é imprescindível olhar para a mulher negra e sáfica de uma maneira interseccional e considerar como o gênero, a raça e a sexualidade afetam os aspectos de sua vida. Dado que a mulher negra e sáfica vai sempre ser mulher, vai sempre ser negra e vai sempre ser sáfica ao mesmo tempo, não é possível isolar uma dessas identidades e considerar apenas ela.

No geral, a partir desta pesquisa entendemos que as representações de mulheres negras e sáficas na Netflix são percebidas por mulheres negras e sáficas da vida real de forma positiva e necessária. A representação contida na personagem Kat Edison é reconhecida como uma exceção, dado que as entrevistadas relatam não conhecer outros produtos midiáticos audiovisuais em que uma mulher negra e sáfica tenha sido colocada em posição de grande protagonismo e de forma tão positiva. Apesar de a representação contida na personagem Fabiola não ser tão relevante e positiva quanto a da personagem Kat, é importante valorizar o espaço ocupado por essa personagem e reconhecer que a representação da personagem não é nociva a mulheres negras e sáficas da vida real.

Assim, entendemos que as representações das personagens são necessárias, são construídas de forma positiva, têm função de impactar na construção de identidade de mulheres negras e sáficas da vida real e também a percepção de pessoas que não pertencem a essa comunidade sobre essas identidades. As mulheres negras e sáficas da vida real entendem que suas identidades devem ocupar espaços de representação nos produtos midiáticos audiovisuais de todas as formas possíveis. Contudo, é preciso um cuidado para que essas representações não sejam construídas com base em estereótipos prejudiciais.

Ao finalizar essa pesquisa, espera-se que o conteúdo apresentado contribua para a visibilidade de mulheres negras e sáficas dentro do ambiente acadêmico, seja no papel de pesquisadoras, seja como objeto de pesquisa. No futuro, acreditamos que é possível buscar pesquisas que possam analisar a ampliação ou não das representações de mulheres negras e sáficas em produtos midiáticos a partir da construção identitária diversa de suas personagens. Assim, podemos estudar acerca dos avanços ou dos retrocessos nos espaços que mulheres negras e sáficas ocupam nos produtos midiáticos, considerando os estereótipos construídos e transmitidos à sociedade.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BONOTO, Carolina. “**Aqui tem gente como eu**”: subjetividade LGBT em trajetórias midiáticas. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, p. 1-24, jul. 2021.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Fabiana Leonel de. **Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, v. 1989, n. 1, Article 8, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 171-188, 2002.
- DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- JOHNSON, Telma. **Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- KELLNER, Douglas. **Cultural Studies, multiculturalism, and media culture**. In: DINES, Gail;

HUMEZ, Jean M (eds.) **Gender, race, and class in media: a critical reader**. London: Sage Publications, 2015.

MORIGI, Valdir José. **Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos**. E-Compós, v. 1, p. 1-14, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

ORMEZZANO, Graciela et al. Cultura e Estereótipos Veiculados pela Televisão. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL**, 8., 2007, Passo Fundo. Anais...[...]. São Paulo: Intercom, 2007.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas: revista de estudos gays, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

SANTOS, Adriane. **Análise da personagem lésbica no cinema nacional 1970 – 2016**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, Ariana Mara. **Lésbicas negras, identidades interseccionais**. Periódicos – Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades, Salvador, v. 1, n. 7, p. 177-133, maio/out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/21673/14306>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Saturação em pesquisa qualitativa: 63 estimativa empírica de dimensionamento**. PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, São Paulo, v. 3, p. 20-27, 2009.